

Sobre *Aqui Estou*, de Jonathan Safran Foer

On Here I Am, by Jonathan Safran Foer

ISADORA GOLDBERG SINAY

Graduada em cinema pela Fundação Armando Alvares Penteado, mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutoranda do programa de Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Resenha de: FOER, Jonathan Safran. *Here I am*. Londres: Hamish Hamilton, 2016.

DESDE SUA ESTREIA NA FICÇÃO, EM 2002, JONATHAN SAFRAN FOER TEM ABORDADO questões específicas do judaísmo americano. Seu primeiro romance, *Tudo se Ilumina*, tratava principalmente da busca do jovem judeu americano Jonathan Safran Foer pela história de sua família, perdida na Ucrânia (cf. FOER, 2003). A procura por raízes, a representação do *shtetl* como uma terra ancestral quase fantástica e a ânsia por continuidade são aspectos que Hana Wirth-Nesher identifica como frequentes na literatura judaico-americana das gerações pós-imigração (WIRTH-NESHER, 2006, p. 101). O espaço entre Europa e Estados Unidos era o que o jovem personagem parecia querer preencher.

Em *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto*, publicado três anos depois, Foer traça um paralelo entre um avô sobrevivente da Segunda Guerra e seu neto que perdeu o pai no 11/09. Aqui, ele estabelece continuidade através do luto e inclui nos traumas familiares uma tragédia especificamente americana (cf. FOER, 2005).

Aqui Estou é seu primeiro trabalho de ficção em mais de uma década e traz a radiografia de uma família judia de Washington, os Bloch, seu esfacelamento e o esforço realizado para manter continuidade. Mais longo e ambicioso que os dois romances anteriores, *Aqui Estou* também traz uma importante mudança de foco: não é mais para o passado judaico que Foer volta os olhos, mas para o futuro. A pergunta que ecoa durante todo o livro é: como ser judeu daqui para a frente?

Os Bloch sabem que durante todos os anos em que viveram nos Estados Unidos, desde a imigração de Isaac, um sobrevivente do Holocausto, o país tornou-se seu lar. Um lar estável e capaz de proporcionar uma sensação de segurança que nenhum judeu experimentou na história, nem mesmo os israelenses. Julia e Jacob, os protagonistas, assombram-se com a profunda domesticidade de seus dilemas, com o conforto de suas vidas de classe média. É possível ser judeu nesse ambiente, ou algo necessariamente se perde? Como ser judeu como ninguém antes foi judeu?

O conforto dos judeus americanos é apontado pelo personagem de Tamir, o primo israelense que chega para o *bar mitzvah* de Sam, o filho mais velho de Jacob e Julia. “O problema, é que vocês não tem problemas suficiente” (FOER, 2016, p. 208) ele afirma.¹ As diferenças são resumidas pelo escritor na seguinte frase: “Quando Tamir ganhou uma M16, Jacob ganhou um passe da Eurorail.”

Esse cisma ganha dimensões abissais quando um terremoto atinge Israel, levando o país a um caos completo. Aproveitando o enfraquecimento causado pelo desastre, os

países vizinhos iniciam uma guerra, e a própria existência do estado judeu é colocada em risco. Enquanto Israel contempla a destruição completa e Tamir se desespera tentando garantir a segurança de sua família e encontrar o filho soldado, Julia e Jacob iniciam um processo de divórcio. O romance opõe o esfacelamento de Israel ao da família Bloch, mostrando que para eles a tragédia é o que habita seu pequeno núcleo familiar.

Contudo, Foer se recusa a expor essa existência como menor de alguma maneira, os Estados Unidos, com seus dramas domésticos, são uma escolha feita pelos judeus, um modo de vida perfeitamente válido. Um lugar que tornaram um lar.

Que aos americanos cabem suas próprias tragédias, e não a dos israelenses, fica claro quando o Primeiro-Ministro de Israel os convoca para ajudar. Em um discurso inflamado, o governante lança a “Operação Moisés”, convocando os judeus americanos a “voltarem para casa” (FOER, 2016, p. 435). Acontece, como Jacob explica a seu primo Tamir, que “casa” e “lar” são conceitos relativos: ele já está em casa, e, mesmo que fosse forçado a escolher uma terra ancestral, essa seria a Galícia polonesa, muito mais do que Israel (ibid. p. 232). E assim, apenas um décimo dos judeus esperados decidem lutar pelo estado judeu, quase todos com mais de 45 anos de idade.

Carlo Strenger nota que o romance explora o “divórcio entre os judeus americanos liberais e Israel” (STRENGER, 2016). Segundo ele, o movimento constante de Israel “na direção do etno-nacionalismo e de políticas de direita, frequentemente com subtons racistas” (ibid.) alienou os jovens judeus americanos, majoritariamente liberais e comprometidos com direitos humanos, políticas de identidade e o politicamente correto. Dentro do livro, esse movimento é representado pela escolha do governo israelense de regular ajuda humanitária

aos palestinos afetados pelo terremoto, uma decisão que contribui diretamente para a falha da Operação Moisés.

A oposição entre Israel e Estados Unidos – ou, de forma mais ampla, uma identidade judaica de diáspora – é uma das muitas facetas da investigação que Jonathan Safran Foer faz da vida judaica contemporânea. Outro ponto importante é o personagem de Isaac que, esquecido por toda a família, decide se matar para evitar a transferência para um lar de idosos. Sobrevivente do Holocausto, seu arco coloca a pergunta: como lembrar essas pessoas que se encaminham para morte? Como estabelecer a continuidade?

As questões em si ficam sem respostas, mas o sentimento de descendência perpassa a família. Sam fala com seu bisavô todos os dias e, após sua morte, “torna-se ele” em um jogo de realidade virtual. Jacob afirma sobre os judeus americanos: “eles eram os filhos e netos de imigrantes, de sobreviventes. Eles eram definidos por, e orgulhosos de, sua fraqueza evidente” (FOER, 2016, p. 244). É com uma imagem do judeu intelectualizado, liberal e cosmopolita, “horrríveis em esportes, mas bons em esportes imaginários”, que Jacob se identifica, uma imagem marcada na cultura popular americana por nomes como Steven Spielberg e Philip Roth, ambos referenciados no livro.

Spielberg é o tema de uma sequência cômica no aeroporto durante a qual emerge a importância de um judeu ter se tornado o maior nome do cinema americano. Com ele, Jacob considera, “nós finalmente encontramos uma forma de forçá-los a olhar a nossa ausência, a esfregar o nariz na merda do pastor alemão”. Spielberg, como Roth, é o judeu que se fez ser visto. Para a geração de Jacob, a polêmica em torno do escritor foi tão grande que ele ainda o vê como mais relevante que a maioria das estrelas pop.

Spielberg e Roth representam aqui a possibilidade de se tornar um pilar da cultura americana sendo ostensivamente judeu. Eles são a ponta do iceberg de uma história de sucesso que culmina em um livro como *Aqui Estou*, que, por mais questionamentos que proponha, nunca se questiona se é possível ser, ao mesmo tempo, americano e judeu.

No entanto, isso não quer dizer que o autor não entre na questão da lealdade. O título do romance é retirado da resposta de Abraão para Deus quando convocado a sacrificar Isaac. No entanto, como nota Sam, “aqui estou” é também a resposta que Abraão dá a Isaac quando o filho lhe chama, e é impossível que ele esteja ali para ambos. “Deus está pedindo a Abraão que mate Isaac, e Isaac está pedindo ao seu pai que o proteja. Como Abraão pode ser duas coisas opostas ao mesmo tempo?” (ibid. p. 103). O conflito é entre lealdade pessoal e comunitária, a Deus ou à família.

Em *O Averso da Vida*, Philip Roth escreve que a decisão de imigrar para os Estados Unidos significava que “em vez de batalhar para salvar o povo judeu da destruição [...] tinham simplesmente procurado salvar suas próprias peles judias.” (ROTH, 2008) Na mesma linha, ao analisar a adoção do inglês pelos escritores judeus americanos, Hana Wirth-Nesher nota que o hebraico e o inglês representam narrativas contrárias de individualidade e coletivismo (WIRTH-NESHER, 2006, p. 13). O judeu americano como representado por Philip Roth e Jonathan Safran Foer encara a família como sua comunidade e como o espaço de sua existência judaica, é por isso que um divórcio e um terremoto podem ser equiparados. Ao precisar escolher entre Israel e os filhos, Jacob não hesita muito antes de optar pelos últimos.

No entanto, esse individualismo coloca suas próprias perguntas. Os Bloch reinventaram tradições, como o jantar de *shabat*, para torná-las sig-

nificativas para eles como família. Contudo, quanta coesão pode ser oferecida por esses rituais particulares? Qual sua capacidade de manter a continuidade judaica? Uma vez que a família se esfacela e leva os rituais consigo, essas questões se tornam mais urgentes.

Parece ser por isso que ambos os pais colocam como não negociável o *bar mitzvah* de Sam, embora Jacob se questione se essa é mesmo a decisão certa. Para se manterem judeus, há um mínimo de rituais que precisam ser cumpridos? Quais são eles? É possível ser judeu sem eles? De que forma?

Foer não oferece qualquer resposta para essas perguntas e parece, ele mesmo, extremamente assombrado com as possibilidades do moderno judeu americano. Seu livro nasce de uma vontade de explorar questões que por vezes se tornam grandes, ou múltiplas demais, para a narrativa.

Embora seja mais longo e ambicioso que os romances anteriores do autor, *Aqui Estou* é também o mais convencional. A prosa é polifônica e chega a ser interrompida vez ou outra por conversas de internet ou mensagens de texto, mas nada perto da fragmentação de *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto* ou dos conflitos linguísticos de *Tudo se Ilumina*. Essa opção acaba sendo o ponto mais fraco do romance: torna-o constrito, e, por vezes, parece que Foer se leva a sério demais, de uma forma que o cega para o universo que tem nas mãos.

Isso se mostra nos muitos monólogos interiores dos personagens, em que cada palavra, ato ou acontecimento é excessivamente analisado. Além disso, embora as cenas de sexo tenham um papel central na narrativa, são, em sua maioria, engessadas e constrangedoras. Ao se embrenhar no emaranhado da identidade judaica, com sua dimensão coletiva, familiar e mesmo corporal, falta a Foer um pouco do desapego de, justamente, Philip Roth. Enquanto Roth cria espelhamentos e falsificações

em cima de uma identidade que não pode ser definida, Foer tenta desesperadamente agarrá-la.

Essa diferença e a influência que Roth exerce no romance tornam-se claras na longa sequência de aventuras masturbatórias do jovem Sam. O capítulo ecoa *O Complexo de Portnoy*, mas Sam jamais chegaria tão longe quanto o bife de fígado do jantar da família – Foer nunca consegue ser tão abertamente irônico e delirante.

Esse peso acaba prejudicando o livro. A solenidade da linha narrativa sobre o terremoto e o excesso de sentimentalismo dos Bloch são seus maiores defeitos. Ao final, *Aqui Estou* tem momentos brilhantes, mas ambições maiores do que sua forma consegue dar conta. O realismo cotidiano apresentado não comporta todas as múltiplas possibilidades do judeu contemporâneo e se perde em tentar analisá-las tão seriamente.

Foer é um grande escritor, e muitas das questões trazidas aqui são urgentes e extremamente atuais. Contudo, *Aqui Estou* acaba se mostrando desconectado e um pouco confuso, embora brilhante em seus melhores momentos.

NOTA

1 As traduções oferecidas são da autora. Após a redação da presente resenha, em maio de 2017, o livro foi publicado no Brasil pela Editora Rocco, com tradução de Daniel Pellizzari e Maíra Mendes Galvão.

REFERÊNCIAS

FOER, Jonathan Safran. *Everything is illuminated: a novel*. Nova York: Perennial, 2003.

_____. *Extremamente Alto e Incrivelmente Perto*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Here I am*. Londres: Hamish Hamilton, 2016.

ROTH, Philip. *O Avesso da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

STRENGER, Carlo. *Safran Foer's New Novel Explores Divorce Between Liberal Jewish Americans and Israel*. Haaretz, Tel Aviv, 14 set. 2016. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/jewish/features/.premium-1.741987>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

WIRTH-NESHER, Hana. *Call it English: the languages of Jewish American literature*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

Recebido em 14/03/2017

Aceito em 19/04/2017